

A NATO, Actor Principal da Segurança Internacional

Vítor Martins

Consultor do Presidente da Republica Portuguesa para os Assuntos Europeus

Resumo

A evolução da NATO vai ser um dos principais indicadores da capacidade de aprofundamento e de alargamento da UE. O enfraquecimento da NATO será um mau sinal para o futuro da integração europeia.

Mais do que nunca se exige uma convergência estratégica entre os dois lados do Atlântico. A crise internacional, o novo quadro geopolítico e de segurança e a emergência de novos grandes actores, nomeadamente os BRIC, reclamam essa convergência.

O euro atlantismo faz parte do ADN da integração europeia. O aprofundamento da integração europeia nas áreas da defesa e segurança em nada colide com a NATO. Ao contrário, são as debilidades da segurança e defesa da Europa que podem ameaçar a NATO.

Abstract

NATO, a Main Actor in International Security

NATO's evolution will be one of the most important factors of the European Union's capability of enlargement. Any sign of Atlantic Alliance's weakness would reflect negatively on the future of the European integration.

The article argues that we need, more than ever, a strategic convergence between the two sides of the Atlantic. The international crises, the new geopolitical and security landscape and the emergence of new great powers, such as the BRIC countries, demand that convergence.

Euro-atlanticism is a part of the European's integration DNA. Strengthening European integration in areas such as defence and security does not collide with NATO. On the contrary, the debilities of Europe's defence and security can undermine NATO's effectiveness.

O tema deste painel é extremamente complexo. Só os especialistas conseguem transformar coisas complexas em percepções simples. Como não sou especialista, vou ser mais prolixo, fundando a minha intervenção em reflexões gerais baseadas na experiência. Começo por sublinhar a importância decisiva que o tema NATO tem. Considero mesmo que este tema como o barómetro que vai permitir antecipar se a Europa está a caminho de ser um actor central na cena internacional ou apenas mais um actor irrelevante. Eu diria que a NATO vai funcionar como a inflação para os economistas, alertando para a chegada de uma crise. A evolução da NATO, no futuro próximo, vai constituir um indicador importante para perceber para onde é que a Europa está a ir. Por isso, este tema é verdadeiramente central e decisivo.

Como já aqui foi dito, a NATO foi uma resposta no pós-guerra, não apenas à ameaça soviética, mas também à própria situação da Europa Ocidental saída da guerra. O que importa dizer é que a NATO foi constituída como uma organização de defesa, mas foi sempre associada, de uma forma extremamente emblemática, a um conjunto de valores, a um modelo de sociedade e de democracia. A NATO tem sido expressão de uma noção de Ocidente. Com efeito, a NATO é, talvez, a sigla mais emblemática daquilo que, difusamente, se chama Ocidente e como estamos, de novo, com o Oriente a “bater-nos à porta”, julgo que faz muito sentido visitar esse conceito de Ocidente.

A NATO teve um grande sucesso, não só do ponto de vista da simbologia política, mas como garante de paz e estabilidade efectiva na Europa. A comunidade internacional reconhece isso. A percepção de que a NATO foi um contributo poderosíssimo para criar a paz e a estabilidade no continente europeu (continente que foi o maior exportador de conflitos à escala mundial), foi algo que a comunidade internacional interiorizou e assumiu.

Como teria sido a história da Europa sem a NATO? Em que situação estaríamos hoje? Tem-se dito que a integração europeia foi um factor decisivo. O mesmo se pode dizer da NATO. O mundo mudou muito nos últimos 20 anos. De uma instituição de defesa europeia, a NATO está tentativamente a transformar-se numa instituição de segurança internacional. Tentativamente, porque penso que ainda não há uma clarificação a ponto de se poder dizer que a NATO é já percebida, na comunidade internacional, como uma instituição consistente e coerente de segurança internacional. Mas parece-me que está a caminho disso! Já deixou de ser uma mera instituição de defesa europeia para agir cada vez mais activamente no tabuleiro da segurança internacional. Então, trata-se agora de responder às seguintes perguntas: qual é a missão que a NATO deve ter nesse contexto? Qual é o seu enfoque estratégico? Qual é a sua capacidade efectiva com que se deve dotar para agir?

Estas questões devem ser respondidas tendo em conta o elemento “confiança” que vai ser decisivo para a percepção internacional do que é a NATO. Tem de encontrar um espaço, definir uma missão e um enfoque estratégico, de uma forma transparente e geradora de confiança. A confiança que é um dos bens mais preciosos (tanto na economia e nas finanças, como na segurança) é sempre um resultado de uma equação com variáveis de curto prazo e variáveis de longo prazo. Temos tendência, de um modo geral, a sobrevalorizar as variáveis de curto prazo, o que é natural, porque são aquelas que têm mais premência sobre os Estados e os cidadãos. Mas, a confiança é sobretudo construída com base nas variáveis de longo prazo.

A NATO tem de definir uma missão e uma capacidade de resposta que não sejam percebidas pela comunidade internacional, como fruto dos impulsos que vêm das circunstâncias da segurança internacional e dos interesses estratégicos específicos de alguns membros da Aliança Atlântica. Ora, é esse passo – sair de uma instância de segurança internacional que age sobre o impulso de circunstâncias e debaixo de agendas de alguns membros, para uma instância que tenha um conceito estratégico sólido, assumido, claro, transparente e gerador de confiança – que a NATO está desafiada a fazer.

As ameaças que a NATO tem de enfrentar são conhecidas: o terrorismo e os extremismos (que, sobretudo depois do 11 de Setembro, se agudizaram), a ameaça nuclear, o clima e a ecologia, as migrações e, finalmente (porque interage com todas as anteriores) os novos actores na cena internacional. Alguns, são actores transparentes e reconhecidos, outros ainda em formação e relativamente opacos. A Rússia – a imprevisível Rússia, como lhe terá chamado Raymond Barre – que questiona a NATO de uma forma imperativa nos tempos que correm, é um dos actores que precisa de resposta do lado Ocidental. Um dos grandes desafios para a definição de um conceito estratégico equilibrado é precisamente como situar a Rússia no contexto da segurança europeia. A Europa, aparentemente até agora, quer no plano económico e energético, quer no plano da segurança, ainda não encontrou uma resposta estratégica face à emergência de uma nova Rússia, de novo a afirmar-se como potência de primeira linha. Outra questão é a de saber se há uma convergência entre a Europa e os EUA – porque sem esta convergência de interesses estratégicos não há NATO ou há, quando muito, uma NATO diminuída, que pode constituir um problema e não uma solução para os problemas de segurança. A divergência Europa / EUA em matéria de segurança tem de ser assegurada de uma forma consistente ou poderá ela própria constituir uma ameaça à segurança internacional.

Razões muito fortes fazem convergir os dois lados do Atlântico. Desde logo, quer a Europa, quer os EUA vão ter que enfrentar, na cena internacional, novos interlocutores. Uma das realidades que vai ser falada na próxima Cimeira do G20 é, seguramente, o novo papel dos BRIC e, em particular da China, no quadro econó-

mico internacional. Não haverá multilateralismo, por mais retórica que ponhamos no tema, se não for encontrada uma acomodação desses novos actores económicos internacionais no quadro da disciplina multilateral económica. Ora, isto não é irrelevante para a segurança internacional, sendo que daí também resulta uma exigência de convergência estratégica no espaço euro-atlântico. É isto que faz sentido face aos seus interesses económicos e políticos em sentido lato.

Mas há outra razão para uma convergência entre a Europa e os EUA: o novo quadro multilateral que melhor pode defender as conveniências do Ocidente, é aquele que for mais próximo do modelo económico e social europeu. O sucesso de um novo quadro multilateral para a Europa e para os EUA, depende da capacidade de fazer converter em disciplina internacional, padrões que são muito próximos daqueles que nós testámos e construímos nas sociedades ocidentais. Adiante, desde já, que penso que é impossível reproduzir o padrão europeu ou norte-americano, mas é possível trabalhar um quadro multilateral onde muitos dos princípios e das concepções económicas estejam presentes e, para isso, a Europa e os EUA têm de trabalhar em conjunto. O pior que pode acontecer é trabalharem de uma forma divergente.

Por outro lado, a convergência entre a Europa e os EUA pode basear-se, naturalmente, numa efectiva complementaridade entre os dois lados do Atlântico. Enquanto que, dos EUA temos, acima de tudo e como primeira valência da sua projecção, a potência militar – a economia norte-americana e a sua projecção nos *fora* económicos, ainda é o que é graças ao facto dos EUA serem uma potência militar – a Europa acrescenta, não à potência militar propriamente dita, embora disponha de meios e de capacidades também, mas, sobretudo, uma capacidade de experiência e de *expertise* em cooperação, em diálogo internacional, em integração de culturas, que os EUA têm dado sobejas provas de não ter.

Uma última referência para terminar. O sucesso da integração europeia é do interesse norte-americano. Ora esse sucesso depende largamente de um euro atlantismo consistente e com sentido estratégico.

Aqui e além surgem vozes a defender uma alternativa europeia, em termos de segurança e defesa, relativamente à NATO. A Europa tem de aprofundar a sua integração política e também na segurança e na defesa, mas não à custa ou em oposição à NATO.

Ao contrário, o que ameaça a NATO é a fragilidade da política de segurança e defesa europeia. O que é preciso fazer é aprofundar a dimensão de segurança e defesa da UE para reforçar o pilar europeu na NATO e com isso ajudar a uma renovada projecção da NATO, como os desafios da segurança internacional recomendam e a comunidade internacional espera.